



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ROMILDA ROSA DE ALBUQUERQUE**

**ITINERÂNCIAS DO PASSADO PRESENTES NO FUTURO: FACHOS  
DE LUZ SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.**

Salvador

2013

**ROMILDA ROSA DE ALBUQUERQUE**

**ITINERÂNCIAS DO PASSADO PRESENTES NO FUTURO: FACHOS  
DE LUZ SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.**

Memorial apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia,  
Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como  
requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>o</sup>. Romilson Augusto dos Santos

Salvador

2013

**ROMILDA ROSA DA ALBUQUERQUE**

**ITINERÂNCIA DO PASSADO PRESENTES NO FUTURO: FACHOS  
DE LUZ SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.**

Memorial apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de Abril de 2013

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>o</sup>. Romilson Augusto dos santos

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Regina Sandra Marchesi

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>o</sup>. Roberto Sidnei Macedo

## **AGRADECIMENTOS**

Hoje é um dia de muita alegria. Mais uma etapa em vida se encerra, é mais um ciclo que se fecha e meus agradecimentos ainda se perpetuam...

Agradeço a um cara que nunca me desampara, que sempre está comigo nos momentos mais difíceis e todas as vezes que fraquejo, Ele me acolhe em seus braços e me encoraja a continuar Obrigada meu Deus ! Por guiar todos meus passos, pela força, saúde e muita luz para que este sonho se concretizasse.

As minhas famílias a quem devo eterna gratidão!

A minha mãe: Adeliça Rosa de Albuquerque por me conceber a vida e por me amar.

A meus pais por afeto: Armindo Alves de oliveira e Marilene Rosa de Oliveira por me ensinarem a viver, e por terem me proporcionado a chegar até aqui e realizar esta conquista.

Vocês são os alicerces de minha existência. A verdadeira riqueza de uma família são ligações de amizade, amor incondicional e elos fortes que não há distância que os rompam, nem mesmo a morte. A verdadeira felicidade está na própria casa, entre as discussões, tristezas, lágrimas e risos isso é família em sua complexidade a meus Brothers amo vocês!

Agradeço também, a meu namorado, Alex Souza silva, por compartilhou comigo esse momento, muito paciente em minha ausência e me ajudou bastante dando apoio moral para percorrer este caminho e me auxiliando em alguns trabalhos sempre com carinho e amor. Obrigada anjo meu!

Agradeço também, aos meus Mestres com carinho por contribuíram para minha formação como Pedagoga, profissão que abraçou me, e que acolhi com carinho e pela qual me apaixonei perdidamente hoje temos um elo de amor. Em especial a Prof<sup>o</sup> Lícia Beltão, minha eterna fada madrinha! Prof<sup>o</sup> Regina Sanched, um anjo amigo, quando achei que tudo estava perdido, vocês me estenderam a mão e me mostraram o caminho. Meu muito obrigada.

Aos funcionários pela generosidade, e pela amizade. A Universidade que me proporcionou a aquisição de muitos saberes, e me mostrou um novo universo.

Agradeço a meu orientador Romilson Augusto dos Santos, pela compreensão e pelo carinho ao qual me acolheu conturbadamente aos 45 do segundo tempo, e me ajudado a estar aqui hoje, muito obrigada por me guia neste trabalho me dando suporte. Minha eterna gratidão e admiração.

As minhas colegas de classe, por compartilhar do mesmo ideal. Valeu a pena! E as minhas amigas, que se fazem presentes em minha história, valeu companheiras: Eliete Farias, Nana Karini, Flávia Nascimento, Tatiane Siqueira, Ana Cristina e Érica Oliveira em quatro anos vivemos momentos inesquecíveis de alegria, descontração, de estudo e companheirismos juntas fizemos uma historia e vocês sempre estarão em meu coração.

Agradeço a Roberto Sidnei, a Regina Sanched por me da a honra e o prazer de te-lós em minha banca.

Aos velhos e bons anjos por estar sempre me apoiando e pelas palavras de carinho e amizade: Suzana rosa de Almeida, Gabriel Ramos de Oliveira, Gabriela de cássia e Aliete Souza.

Agradeço aos companheiros de morada pelo tempo em que convivemos formamos uma família, sempre um apoiando o outro nos momentos alegres e tristes, meu muito obrigada a: Pedro, Priscila, Lorena, Rafaella , Olgair, Juliomar, Renata, Janaina, Thalita, Julio Verner, Aline,Janaina Ramos, Débora, Michaelle e Brena. Aprendi a viver e conviver junto a vocês.

Aqueles que passaram sem deixar marcas e aqueles que marcaram minha história, e se foram de forma breve. In,memória: Marleide Oliveira, Francis José de Albuquerque e Maria José de Albuquerque.

Por fim sou eternamente grata a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram em minha formação acadêmica, mais um sonho realizado, que com certamente será a ponte para muitos outros caminhos a percorrer.

## RESUMO

Este Memorial discorre sobre a minha trajetória de vida da infância até a minha vida acadêmica atual, contrastando com a importância da leitura para esse percurso, trazendo uma possibilidade de abordar uma reflexão sobre a implantação do memorial como ação avaliativa de conclusão de Curso na Graduação de Pedagogia da UFBA. Tomando como considerações e apoio aborda currículo e formação entretecendo uma ação reflexiva no percurso da construção da identidade do professor/educador no intuito de dizer que estes conceitos se fazem necessários na formação pedagógica, demonstrando aspectos relevantes entre eles. Durante o período de 2010 a 2012, passei por dois projetos distintos o projeto leitura com..., que compõe o grupo de projetos do Permanecer na UFBA e o projeto A Dinâmica do Projeto UCA na Escola: A construção de Práticas Pedagógicas Pelos Professores no Contexto das Redes e da Mobilidade Informacional do grupo de pesquisa científica CNPq, visando compartilhar as atividades programadas e executadas. Logo em seguida, trago as itinerâncias do passado e presentes no futuro, narrando brevemente passagens vividas, incidindo facho de luz sobre a importância da leitura desde, a de mundo até a da palavra que são construídas ao longo do desenvolvimento. Tomando como conclusão rotas, rupturas e rotinas que mostram a importância do trajeto percorrido conseqüentemente, sua importância na formação de qualquer estudante de Pedagogia.

**Palavras chaves:** Memorial, currículo, formação, leitura, itinerância, história.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>MEMORIAL</b>	<b>13</b>
2.1	CURRÍCULO E FORMAÇÃO	17
<b>3</b>	<b>ITINERÂNCIS DO PASSADO PRESENTES NO FUTURO</b>	<b>22</b>
3.1	POR ONDE ANDEI	29
3.1.1	Projeto Leitura Com	30
3.1.2	Projeto - A dinâmica do Projeto UCA na Escola: A construção de práticas pedagógicas pelos professores no contexto das redes e da mobilidade informacional	32
<b>4</b>	<b>FACHOS DE LUZ SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.</b>	<b>37</b>
<b>5</b>	<b>ROTAS, ROTINAS E RUPTURAS</b>	<b>45</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>52</b>

A leitura é muito mais  
do que decifrar palavras.  
Quem quiser parar pra ver  
pode até se surpreender:

vai ler nas folhas do chão,  
se é outono ou se é verão;

nas ondas soltas do mar,  
se é hora de navegar;

e no jeito da pessoa,  
se trabalha ou se é à-toa;

na cara do lutador,  
quando está sentindo dor;

vai ler na casa de alguém  
o gosto que o dono tem;

e no pêlo do cachorro,  
se é melhor gritar socorro;

e na cinza da fumaça,  
o tamanho da desgraça;

e no tom que sopra o vento,  
se corre o barco ou vai lento;

também na cor da fruta,  
e no cheiro da comida,

e no ronco do motor,  
e nos dentes do cavalo,

e na pele da pessoa,  
e no brilho do sorriso,

vai ler nas nuvens do céu,  
vai ler na palma da mão,

vai ler até nas estrelas  
e no som do coração.  
Uma arte que dá medo  
é a de ler um olhar,  
pois os olhos têm segredos  
difíceis de decifrar.

Ricardo Azevedo,1999.

## 1 APRESENTAÇÃO

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. Paulo Freire (1991,p.51)

Este trabalho se propõe, a relatar a minha trajetória acadêmica, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, uma maneira ainda de resignificar os aprendizados adquiridos durante minha formação, que agora contribuem como elementos constitutivos de minha futura prática quanto educadora, como diz Freire (1991), o sujeito não se principia e nem se denomina educador repentinamente.

Consiste também em uma oportunidade ímpar de refletir sobre a importância do reconhecimento enquanto educadora, contribuindo para que ao encontrar-me em uma sala de aula possa exercer uma prática diferenciada das quais vivenciei em minha caminhada enquanto estudante, isto inclui minhas expectativas e inquietações futuras, já que me compreendo como um sujeito em constante formação.

Tratarei nesse trabalho o relato inerente ao processo percorrido durante minha formação no Curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Bahia. Para ilustrar este trabalho lancei mão a facho de luz, tendo um olhar reflexivo em relação à formação, ao currículo e a importância da leitura. Resgatando através de minhas memórias a reflexão e a importância das histórias vividas para minha formação, pois “[...] Aqui estamos. Nós e a profissão e as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.” (HUMBERMAN, 2007p. 17).

No processo de resgates das minhas lembranças tive o cuidado de me ater de forma breve a importância da leitura no desenvolvimento da minha primeira infância, baseando em teóricos que conheci na academia, e em algumas disciplinas e principalmente no projeto <sup>1</sup>LEITURACOM... E além dos outros que tiveram sua parcela de importância ao chegaram de forma espontânea as minhas mãos, nas caminhadas que realizei pelos corredores da Biblioteca Anísio Teixeira na Faculdade de Educação.

Buscando reflexos como partes possíveis destas vivências, resgatando as lembranças prazerosas e inquietadoras sobre minha atuação que incidiram de forma construtiva na minha ação de educar. Espero que minha caminhada descrita neste trabalho contribua de alguma forma, para com a formação de outros futuros professores/ educadores, como aborda Nóvoa, 2007, quando faz uma relação a identidade, e a construção do professor de forma que cada um se sente e se faz.

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneira de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (p16)

Encontrei no Memorial, uma proposta narrativa autobiográfica, configurando assim, uma narração histórica reflexiva. Sendo organizado na forma de relatos, que ora serão históricos e porque não, ora críticos, cujo objetivo central é da conta de descrever os fatos e os acontecimentos que constituíram a minha trajetória durante a vida escolar e acadêmica, etapas importantes no meu processo de formação profissional que ajudam a conhecer o ambiente ao qual estou inserida, levando em conta o que diz Franco Ferrarotti,

O homem é o universal singular. Pela sua práxis sintéticas, singulariza nos seus actos a universidade de uma estrutura social. Pela sua actividade destotalizada/ retotalizadora, individualiza a generalizada de uma história social colectiva. Eis- nos no âmago do paradoxo epistemológico que nos propõe o método biográfico [...] se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropiação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual. (Franco Ferrarotti, 1988, p.26-27. Apud. Nóvoa, 2007, p18).

Busco este instrumento por acreditar na sua importância e na sua utilidade na vida acadêmica, graças à abertura e ampliação no Curso de Pedagogia em 2009, ele passa a ser utilizado como opção de conclusão de curso para quem faz graduação em Pedagogia. Essa é sem dúvida uma possibilidade de construirmos um novo olhar sobre nossa formação, e enquanto educadores é uma oportunidade ímpar, pois assim, posso abordar minha trajetória desde o fundamental até a

universidade, possibilitando tornar-me pedagoga com um olhar mais crítico e sensível ao mesmo tempo. A priori o memorial só era utilizado em termos de concursos para o ingresso em pós-graduação ou para a livre docência. Sendo uma chance de estarmos nos conhecendo por inteiro, já que nos compreendendo enquanto pessoa formadora de seres que serão uns dias profissionais assim como nós, deste modo diz Josso:

Pensar a formação do ponto de vista do aprendente é, evidentemente, não ignorar o que dizem as disciplinas das ciências do humano. Contudo, é também, virar do avesso a sua perspectiva ao interrogarmos sobre os processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural, que tais histórias de vida, tão singulares, nos contam (2004, p.38).

A escolha deste tipo de trabalho conclusivo foi realizada pela crença em compreender o fazer pedagógico como prática de responsabilidade sociocultural, que incide de forma direta sobre a formação de cada indivíduo. Propiciando buscar, alternativas que minimizem as formas reducionistas, hierárquicas e tradicionalistas de formar cidadãos. Afinal, este é um processo vital contínuo para que possibilite reinventar a forma criteriosa que tenho buscado resgatar em meu interior, a sensibilidade e a emoção que sempre deve ter seu lugar no fazer pedagógico. Essa atitude guiará o modo como refletimos e pensamos nossa formação, como cidadãos com experiência de mundo em que atuamos e em que, realizamos trocas de saberes.

Segundo Benjamin (1996), ao rememorarmos voltamos aos acontecimentos, buscando fazer destes episódios relatados de modo específico, e descrevendo assim de forma peculiar única e histórica um, tempo que se torna insubstituível, sendo narrado e assim, ressaltado o sujeito que lhes contam com a mesma ênfase que foi vivido.

A narrativa encerra saberes antigos e distantes da nossa cultura atual, pois germinou outrora como forma de expressão oral, como modo de manter vivas as histórias que não se podiam esquecer jamais, patrimônio da humanidade. A narrativa, conforme afirma o autor, tem como fonte de seu enredo e de sua tessitura a experiência acumulada pelo narrador. (Benjamin, 1996, p. 2)

Assim, venho justificar minha escolha da construção do memorial de formação como forma de trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia. Meu interesse sobre este instrumento conclusivo, teve início na disciplina de Pesquisa em Educação, que despertou a curiosidade a respeito do memorial e na matéria de Projeto de Conclusão de Curso, que me fez sentir provocações para escrever minha trajetória. Iniciando assim os primeiros passos, momento em que construo uma árvore genealógica da minha vida, a partir dessa ocasião, fui tecendo meus fachos de luz como uma colcha de retalhos, passo a passo no intuito de rememorar o vivido dando uma ressignificação a minha vida enquanto educadora, por compreender que foram estes passos, estas rotas e rupturas cintilantes de luz, que me constituíram quem sou, pois assim, como diz Soares (1991.p. 9),

Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ela desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto, antes ignorado. E é então que se pode escrever- com- agora faço - a história.

Assim este memorial, constitui uma pauta formativa que nos proporciona olhar para as cenas do passado que refletem luzes para o presente como uma forma de acolhimento e produção do conhecimento de mundo, não dissociando o eu sujeito do eu profissional. Esse é o caminho que a vertente da matriz curricular de pedagogia nos proporciona como possibilidades de uma formação cultural crítica e pluralista.

## 2 MEMORIAL

<sup>1</sup>Todo conhecimento humano, poderá e devera ser útil, imprescindível. Poderá desenvolver a consciência critica e a lógica, o raciocínio e a sensibilidade, a memória e a emoção, a estética ou a ética. Dependera do nosso trato pedagógico. Esta arte de explorar as potencialidades pedagógicas de todo conhecimento, sentimento ou emoção é o que nos diferencia de outros profissionais desses mesmos conhecimentos e artes. (ARROYO, 2000, p.215).

Apoiando nesta escrita de Arroyo, que trata da lembrança e do sentimento de forma que possa descobrir uma arte e um potencial que perpassa a Pedagogia e demais conhecimentos. Assim, o Memorial é uma retomada articulada e intencionalizada dos dados do <sup>2</sup>Currículo Vital e da formação. Sendo este muito mais complacente quando se trata de ter uma percepção mais qualitativa do significado dessa vida, não só por terceiros, responsáveis por alguma avaliação e escolha, mas, sobretudo pelo próprio autor participe do objeto.

Segundo Severino (2001), o memorial constitui - se por uma autobiografia, no qual os relatos configurar-se uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva cujo objetivo será o de proporcionar os fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória vital, acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter acesso a esses inscitos, compreender a informação proposta como também o itinerário percorrido para concluir essa etapa de sua formação. Procurando também registrar as avaliações de cada etapa, com propósito de expressar o que cada momento significou suas contribuições ou perdas que constituíram sua vida pessoal, educacional e de formação, podendo ser comparado à afirmação de Josso (2004, p.39), quando relata que:

A situação de construção da narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo de sua formação, por meio de recurso a recordação – referências, que balizam a duração de uma vida. No plano da interioridade, implica deixar-se levar pelas associações

---

<sup>2</sup>Trajectoria de vida, Percurso Educacional, as Experiências Pessoais.

livres para evocar as suas recordações, referências e organizá-las numa coerência narrativa.

É importante ressaltar as influências obtidas, nas trocas realizadas com outras pessoas e com outras situações culturais, históricas, sociais que permearam todo esse processo, devo também, frisar por justiça posicionamentos, teóricos e práticos, que foram sendo assumidos a cada momento. O Memorial se propõe a expressar a evolução do seu autor, quaisquer que tenha sido a caracterização histórica particular desse sujeito.

A construção dos memoriais no percurso de formação e enquanto prática de autoformação, potencializa no sujeito dimensões da práxis educativa, centrada na ação – reflexão ação que possibilita um diálogo permanente entre a identidade do educando e sua relação com o conhecimento universal, percebendo o caráter processual da formação docente e da vida. (AMORIM, SANTOS, VIRGÍLIO, 2012, p.106)

Assim sendo, construir o memorial como instrumento de avaliação, que exige uma aprendizagem mais específica do próprio processo de integração entre a linguagem corrente, com as experiências vividas, é ser capaz de resolver problemas dos quais não se encontrou respostas, compreendendo que naquele momento ignorava a possibilidade de existir uma formulação adequada e uma solução teórica. Mas como diz: Amorim, Santos e Virgílio (2012, p 2)

Este relato de experiência oportuniza reflexões acerca dos conhecimentos singulares dos sujeitos do processo, ressaltando as formas de pensar, experienciar, historiar, agir, operar e cooperar com o processo educativo, a partir do material escrito.

Tendo este uma abordagem biográfica, outro meio para observar um aspecto central das situações educacionais daquele sujeito que o constrói, porque assim permite uma interrogação das representações do saber, do fazer e dos referenciais que serviram para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente natural, como também no processo de adequação em outros espaços, na situação de construção desta, faz-se necessário também à elaboração de uma atividade

psicossomática em vários níveis, por pressupor a narração de si mesmo sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso as recordações referenciais abarcadas como expediente que equilibra a duração de uma vida, sendo assim, Miranda e Salgado (2002, p. 34) nos diz que:

Memorial é um depoimento escrito sobre o processo vivenciado pelo professor cursista, focalizando principalmente a resignificação de sua identidade profissional e incorporando reflexões sobre a prática pedagógica, em uma perspectiva interdisciplinar.

O memorial possibilita uma narrativa para entretecer a experiência na vida do estudante de Pedagogia, que optando por este trabalho conclusivo, que em sua construção é possível refletir e questionar sobre as escolhas, as lembranças, as dinâmicas e as perspectivas que favorece a formação enquanto educador e estudante. Construindo uma narrativa paradoxal, entre as itinerâncias do passado que se fazem presentes no futuro, é uma reflexão que se faz de forma consciente de si mesmo, sendo possível intervir na formação do sujeito profissional e pessoal, sendo assim Benjamin (1994 p.9).

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade - é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma formação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim si imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Olhando pelas experiências e pelo percurso de formação, dentro da narrativa histórica e dos saberes de que me disponho, trago assim minhas itinerâncias enquanto leitora e sua importância, denominado de fochos de luz sobre a importância da leitura, que faz toda a diferença na formação e no desenvolvimento do aprendizado do sujeito, tanto no âmbito educativo como na sua formação enquanto sujeito participativo ativo e crítico no contexto sociocultural em que está inserido. Assim como nos questiona Nóvoa (1992, p.32), que "o professor é uma

pessoa, então, como desconsiderar a premissa básica na formação? Como neutralizar a dimensão pessoal na formação?”.

Então, este enfoque possibilita falar das minhas superações, minha itinerância pela busca incessante em ser uma educadora que subsidie futuros leitores, como diz Colomer (2007, p. 61):

“É através dessa experiência tão particular de sonhar-se a si mesmo que se dá ao leitor um instrumento poderoso de construção pessoal e uma completa dimensão educativa sobre os sentimentos e ações humanas”.

Pois durante minha formação questioneei e problematizei esta temática da literatura para o desenvolvimento leitor, e inserir em meu memorial é de uma consistência e de uma realização formativa que me constituirá uma profissional de representação comum aos meus pequenos leitores.

Apresentando como objetivos refletir a respeito dos itinerários percorridos e da trajetória enquanto leitora desde a alfabetização até a formação no Curso de Pedagogia. Os caminhos para fazer este elo entre meu passado e meu presente, não poderia ter surgido em melhor hora, pois os primeiros passos iniciam agora em minha graduação, possibilitando uma reflexão e um olhar crítico sobre o vivido e o não vivido, por isso, nomeei meu memorial de forma bem representativa– Itinerâncias do Passado Presentes no Futuro: Fochos de luz sobre a importância da leitura. Sugerindo voltas ao passado como flashes reflexivos, a respeito da leitura em meu processo de desenvolvimento, que refletirá junto a minha prática docente de modo positivo, pois terei um olhar minucioso, enquanto educadora de crianças que serão futuros leitores como eu. E como articula Benjamin, (1994, p.13) “[...] a memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se o curso das coisas, por um lado, e resignar-se”.

Metodologicamente, trago interlocutores que confirmam o que apresento e abordo em meu memorial, ou seja, autores, e suas teorias que são essenciais na formação acadêmica e na construção do meu memorial, olhando sempre para a contribuição na formação de pedagoga/ educadora. Em relação aos eventos, por onde andei, como seminários, congressos, projetos e palestras, o que estes me instituíram educadora/pedagoga em termos de significados e significações, o que

esses eventos acrescentaram e o que significaram para minha vida em formação e como ser humano, entrelaçando assim, a história aqui contada.

É evidente que o memorial, é um rol de lembranças que você vai organizando passo a passo, e vai apresentando suas impressões e resignificações sobre seu aprendizado é cabível deixar claro o registro sobre minhas reflexões dos diversos momentos do curso e sua relação com a prática pedagógica, sem contar que este despertou em mim o exercício da prática da autoavaliação. Como nos diz SEVERINO, 2001: “A história particular de cada um de nós se entristece numa história mais envolvente da nossa coletividade p.175”.

O que foi mencionado até o momento, não tem intenção de esvaziar a temática a respeito do memorial. Sua narrativa é uma retirada da experiência vivida que conserva as forças e os fatos em seu desenvolvimento enquanto história e tempo vivido, Começando a narrativa pelas circunstâncias que apreenderam os fatos. Assim estabelece uma importância e o que essa construção do memorial representa em sua formação e para sua prática. Como diz SPOLIN (1982) o professor tem de atuar, sem perder de vista sua “necessidade do teatro” assim sendo, o professor em seu palco existencial tende a compreender e viver tanto o lado do diretor quanto o lado do ator, conhecendo tanto o papel do professor – diretor quanto o papel do professor- ator, o que realmente importa frente a isso, é as relações do ato de conhecer seu papel e sua influência. Expressa o comportamento, dá ênfase ao passado que está sendo narrado em um tempo presente, e segundo Benjamin (1994), ao misturar o fato passado ao moderno e o tradicional permite que o narrador dependa de uma teoria da modernidade ,implicando a cultura moderna a do passado vivido,os quais experienciarei na minha vivência de prática as quais o percurso encarregar-se, de conduzir pelas trilhas futuras no ato da profissão de pedagoga / educadora, após conhecer este instrumento conclusivo reflexivo.

## 2.1. CURRÍCULO E FORMAÇÃO

Para alguns, “a sociedade é vista como arcaica, os professores como tradicionais, os currículos como obsoletos”. (ARROYO, 2008, p. 134).

Partindo desta citação o currículo nada mais é do que o plano formal de estabelecer a aprendizagem num contexto organizacional, previamente planejado,

a partir de finalidades e com a determinação de condutas formais precisas, através da formação de objetivos, assim afirma Macedo (2007, p.22), quando diz que:

Autorizamos-nos a dizer que o currículo tem um campo historicamente construído, onde se desenvolve o seu argumento e o seu jogo de compreensões mediadoras. Há uma alteridade histórica que caracteriza este campo.

De tal modo, é necessária a compreensão em uma ampla medida que o currículo tem um objeto de estudo que perpassa gerações e com isso entende-se que, mesmo com todas as mudanças contemporâneas e com os adventos tecnológicos que está chegando mantém sua essência de empoderamento. Mesmo assim, a educação, a formação e o currículo mantêm-se interligados, e o saber sobre estes conceitos para a formação profissional pedagógica é fundamental, e nesse raciocínio continua a nos dizer que:

No caso da formação dos educadores, saber nocionar currículo faz parte de uma das pautas importantes para se inserir de forma competente nas tensas discussões sobre as políticas e opções de formação discutidas na nossa crítica sociedade contemporânea. (MACEDO, 2007, p.17)

As perguntas, as dúvidas e os questionamentos sobre estes conceitos na prática e no dia a dia da formação acadêmica não são poucas, afinal, os conceitos hora se fundem e se complementam. Pois ao interpretá-los, percebe-se que a educação nada mais é do que um elemento imprescindível na vida do sujeito.

O currículo é um instrumento de escolarização, com um propósito bem definido e que, tal como uma moeda, apresenta uma dupla face: a das intenções, ou do seu valor declarado, e a da realidade, ou do seu valor efetivo, que adquire no contexto de uma estrutura organizacional. (PACHECO, 2005, p.39).

A formação faz-se presente no sentido de conhecimento previo, o currículo vem como um percurso, na caminhada do próprio sujeito que busca sua formação profissional e pessoal no processo vital, já que ele é um plano pedagógico muito mais amplo que um plano de ensino, que abarca muito além de um programa para diferentes matérias, ele percorre as finalidades da educação que pretende passar a diante.

É um ato de ações assim como fala Freire e Macedo, é “um ato dialógico”, “é a vida da escola”, deixando intenso que mantém uma relação entre pessoas, pois um aprende com o outro; E muitas vezes estes apresentam-se de forma oculta que nada mais é o que se traz como experiência, problematização de vida e cultura. Ele sem sobra de dúvidas “é o segredo e a alma do negócio promissor da educação.” (MACEDO, 2007 p 17-18).

A formação é um processo vital de integralidade, um processo contínuo que persiste por toda a vida, e somente o próprio indivíduo é que pode dar sentido e significado a sua vida formativa podendo praticar suas ações, refletir sobre as mesmas e transformá-las, experienciando o mundo, trocando e compartilhando com o outro. A formação não é um método, uma técnica e sim um processo de maturação e integração em sua totalidade, mente e corpo, é ter autonomia para narrar sua própria história e ser sujeito autor de sua singularidade, afinal formação não se explica basta uma compreensão,e

Pensar a formação do ponto de vista do aprendente é, evidentemente, não ignorará o que dizem as disciplinas das ciências do humano (...) os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interação com outras subjetividades. (JOSSO, 2004, p.38).

Assim sendo, a formação começa na sistematização e concepção e que o currículo é um conjunto de ações complexas que visa propiciar uma melhor qualidade de ensino e de cidadania sempre visando o intuito de acolher os desafios que o mundo contemporâneo, e ainda proporciona o processo de pesquisa em curso, que leva em conta o desenvolvimento e aperfeiçoamento do ser humano, um fenômeno dotado de complexidade relacional onde encontramos em meio a estes a educação como cultura, tradição e transformação,o que faz o sujeito ter como objetivo e meta a formação de sujeitos críticos e que tenham o livre-arbítrio de pensar e transitar por uma vida de relação com eu e com o mundo, ampliando o contato e a convivência com o mundo de forma ética, moral e respeitosa.

Segundo Macedo (2007), o currículo e a formação tende a ser compreendidos em seu sentido totalitário, que compreende muito mais que simples intenções, o currículo é uma matriz que envolve diferentes pensamentos, ideologias e

conhecimentos. Isso tudo salta dos muros da escola e se faz contemporâneo na dimensão do agora, porém, pesa na constituição histórica e projeta atividade de aprendizagem no ambiente escolar futuro.

Um currículo transdisciplinar trabalha com as sínteses possíveis, com as relações possíveis, porque contextuais, históricas e políticas, sínteses estas requeridas pelas problemáticas humanas e seus desafios. (Macedo 2007, p. 55).

Portanto, olhando pela ótica do que nos diz Macedo na citação acima, devemos perceber que o currículo tem que ser dinâmico e não apenas um conjunto de palavras e regras, sugere uma maior mobilidade e dinamismo nas relações interpessoais, sendo cumpridas em uma lógica linear que perpassa por fachos de luz diversificados, também marcado de relações complexas e contraditórias, porém nos remete a refletir sobre a prática e a teoria que os compõem.

Em se tratando de formação nós professores temos uma real significação e uma grande influência na formação de sujeitos pensantes e questionadores donos de suas próprias razões, auxiliamos na formação destes sujeitos para serem donos de seus atos e pensamentos como diz FREIRE (1997), e nos reconstruímos de modo singular a formação de novas práticas que interferem no cotidiano de cada um, pois,

O currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. Ele está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz (...) (SILVA, 2001, p. 27).

E a partir desta afirmação de Silva, do entendimento e do reconhecimento da formação e do currículo internalizado é que nos formamos educadores com uma visão de mundo diferenciada, percebendo seu papel e sua função enquanto agente transformador de vidas e produtor de conhecimentos embora muitos não tenha consciência disso, aproveito este desfecho para falar da multireferencialidade e da heterogeneidade, que um currículo traz consigo, um aprendizado que parte do saber escolar, perpassa pelo campo da cultura, do digital, do cotidiano e nas interações com o outro e com o mundo, e minha reflexão aqui se faz, a respeito disso tudo que engloba a formação do sujeito.

Segundo MACEDO(2007),o currículo possui um amplo campo historicamente, onde se desenvolve argumentos e compreenda a forma mediadora,na caracterização de elemento formativo, e de ponto político e de poder, assim sendo, poderíamos falar que com base nesta interpretação,de fato existe um campo de estudos dentro do currículo ,sendo que o sucesso profissional muitas vezes esta diretamente ligada a um facho em uma vertente curricular, o que para as instituições de ensino faz total diferença em relação ao credenciamento do estabelecimento. Sem duvidas, a partir dessa comparação obtida contemporâneamente a respeito da relação Escola/Educação e Currículo/Formação percebe-se, que há uma proximidade analogicamente como já foi dito, assemelhar-se a de aprendizado e experiências de mundo, um possível tempo futuro, contudo, deveria ser ofertado e vivido pelo Currículo/Formação dos aprendentes, para que não haja uma ruptura em seu papel e sua importância para com a continuidade curricular um agente na transformação, do sujeito em uma dimensão longitudinal na idéia de percurso.

Compreendendo que o currículo é o elemento pelo qual o sujeito tem acesso a determinados conhecimentos, que são selecionados e aglutinados de acordo com as vertentes políticas dos sujeitos que os selecionaram, e sempre espera que este seja executado ao pé da letra. Mas olhando pelo campo inclusivo de estudos, a fim de analisar e entender os diversos focos que a nova matriz do curso de pedagogia implantado em 2009, vivi e vi,sempre tendo uma percepção do direcionamento que foi sendo moldado durante o passo a passo do curso, foram muitos os sentimentos atribuídos nesta mudança de migrar matérias obrigatórias para optativas e vice versa, e questionamentos como o que é mesmo currículo? Qual a ideologia destas políticas curriculares, para a formação do pedagogo? Senti a necessidade na vertente das matérias obrigatórias, sentir a falta da questão de gênero e sexualidade e a que resalta as culturas afro – indígenas. Questões estas que atribuíam muito o sentido de aprimorar o conhecimento e as metodologias para a construção de aspectos fundamentais do planejamento de organização pedagógica.

### 3 ITINERÂNCIAS DO PASSADO PRESENTES NO FUTURO.

“Ser professor é a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.”( PAULO FREIRE).

Nasce em 1984, em um cantinho cujo nome é bem inusitado “cabeça da onça” município de Rio do Pires – BA, a 750 km da capital Salvador, uma menina que teve o primeiro contato com a escola aos 07 anos de idade, em uma escola na comunidade rural em uma turma multisseriada, naquela época da alfabetização a 4ª série tudo na mesma turma misturados e só um professor para ensinar a todos, lembrando que nós pequeninos sempre ficavam de lado.

Em casa não tinha contato com livros a não ser a cartilha da escola, gostava de brincar de escrever no chão, de ouvir as histórias que meus avós contavam, e com estas brincava e viajava num mundo mágico e pessoal, que na maioria das vezes acreditava minha mãe que eu fosse doente por falar sozinha, mas em minha imaginação brincava com os personagens das histórias contadas e recontava para meus amigos que eu criava, pois não tinha crianças próximas para brincar.

É fácil hoje entender esta trajetória ao ler e comparar Smith (1999, p.84) que diz “durante a infância a verdadeira base de nossa aprendizagem é uma disposição para procurar evidências que nos levam a mudar nossas mentes.” e, que é importante a colaboração e a participação da família na aprendizagem e na alfabetização da criança, apoiados por Teberosky e Colomer (2003, p.19), quando falam que “já que a leitura e a escrita não são matérias exclusivamente escolares, convém que os avós participem da alfabetização dos filhos e dos netos ajudando-os nas práticas de leitura.” Hoje é evidente para mim, o papel que meus avós nem sabiam que indiretamente contribuíram e muito no meu processo de alfabetização e no de leitura, principalmente a do mundo, que engloba o desenvolvimento cognitivo, pena que não tenho mais como contar e nem agradecer pessoalmente esta façanha.

Fiquei somente um ano nesta escola, e hoje como estudante de Pedagogia, rememorar meu percurso de formação estudantil, começando desde quando entrei na escola pela primeira vez, me lembro de como foi difícil, para ir à escola, a final, morava com minha mãe e meus avós no sítio e a escola era distante, e não tinha

ninguém com quem eu poderia ir, então, com 7 anos de idade minha mãe decidiu ir para a escola comigo, a final era tudo em uma sala mesmo.

Desta pequenina escola, da qual não recorro o nome, tenho poucas lembranças, e estas poucas são marcantes e assim sendo faço uma análise do que aprendi de significativo e com significado em minha história enquanto estudante e agora como pedagoga/educadora. Era uma escola que funcionava em um prédio com uma única sala onde tinham turmas desde a alfabetização até a 4ª série, havia uma sala onde as carteiras eram duplas e tinha uma lousa pequena, em um canto da sala havia dois filtros de barro onde tomávamos água e no fundo da sala uma estante de ferro, onde tinha os materiais de limpeza alguns velhos livros para recortes e os materiais do professor como: giz, apagador e alguns cartazes pelas paredes da sala.

Encontrava-me ali, em meio a tantas crianças, pessoas mais velhas, inclusive minha mãe. A alfabetização constituía de ensinar o alfabeto, cobrir as letras pontilhadas para aprender a escrever. A leitura de palavras eram tapadas por um papel que tinha um buraco no meio e junto com o professor tínhamos que reproduzir o nome da letra que estávamos vendo, algumas nem sabia o que era, outras já estava acostumada a ver, porém, não passava de uma coisa ali em minha frente, mas hoje ao conhecer o guia teórico do alfabetizador de Lemle, (2005, p.8) onde ela deixa claro que “as letras, para quem ainda não se alfabetizou, são risquinhos pretos na página branca.” Estudei nesta escola durante dois anos: dos 7 aos 9 anos.

No ano seguinte, mudamos para um povoado onde tive que ir para a 1ª série devido à idade e não pelo que sabia, era uma turma ‘normal’ com crianças da mesma idade e outras mais novas. No início foi difícil a adaptação, pela timidez não conversava com ninguém e talvez por não ter sido alfabetizada como as demais crianças que ali se encontravam. Nesta época, era usada uma cartilha composta de figuras geométricas, linhas pontilhadas para cobrir e a professora passava aquelas tarefinhas de copiar várias vezes o seu nome, de sua escola e os números de 0 a 10. E eu tirava de letra como dizem e por isso a professora achava que eu estava entendendo e acompanhando o ritmo da turma, mas na verdade eu não conhecia

nem o alfabeto direito, embora soubesse fazer tudo aquilo que tinha na cartilha e mais as tarefinhas eu cobria e copiava como ninguém, mas ler eu não sabia.

Do período da 2ª a 4ª série me recordo que era uma escola municipal que tinha por nome Escola Municipal Professora Joalinda de Jesus Novais - não gostava muito do professor, porque era uma pessoa irônica e não dava a devida atenção ao trabalho com crianças, gostava de ficar só copiando aqueles textos enormes no quadro e as lições eram sempre textos não muito atrativo, percebo hoje, que o que eu fazia não era ler e sim decodificar as letras, formando palavras soletrando-as, o que para o professor estava ótimo, porque se começasse a gaguejar em algumas palavras desconhecidas imediatamente a lição era interrompida e dava por encerrada, não tinha um olhar sensível e nem paciência para lecionar. E assim fui seguindo meu caminho e na 4ª série havia uma matéria que me identificava bastante, ciências porque tratava mais de elementos da natureza e isso remetia a infância em meio a natureza então aquilo tinha por traz uma vivência e uma linguagem de significados bem sutil, como descreve Ferreiro (2000, p.188) deixando claro que:

A linguagem é o primeiro contato do ser humano com o mundo. Desde o seu nascimento, a criança é rodeada por um mundo de ideias; no princípio, representado por sons, gestos, imagens com as quais a criança vai se inteirando, reconhecendo, assimilando as impressões do mundo que a circunda. Desde que nascem, são construtoras do conhecimento.

Da 5ª a 7ª série foi uma época divertida e de descobertas, pois tinha matérias novas, vários professores diferentes de atitudes, repetiu, e o que tenho inesquecivelmente em mente era um correio elegante que nos permitia criar e escrever o que quiséssemos e ler o que recebíamos, hoje entendo que era uma metodologia, que nos sentíssemos mais soltos para escrever e para lermos. As aulas de Educação Física era um momento de vivência do que aprendíamos na sala com o que fazíamos na quadra, isso fazia com que estudasse sem obrigação e era bem mais fácil fixar o conteúdo, sem ter que decorar para realizar a prova.

Uma época também, que brincava muito de escolinha e sempre queria ser a professora, e ai tinha sempre impasses com minha irmã que também queria ser,

mas sempre achávamos uma maneira para que as duas fossem professoras. Um período onde brincar e divertir era a única preocupação, e as brincadeiras de rua como: pular corda, pega - pega, pic-latinha, baleou, casinha, escolinha, bolinha de gude dentre tantas outras auxiliavam também em minha formação.

Mas diferente dos contos de fada, um dia o mundo encantado tem que se transformar em mundo real. E ao chegar a 8ª série mudei juntamente com a família afetiva para a cidade, acontecendo distanciamento entre familiares, amigos e a escola habitual, um momento de reconquistas e novas descobertas, porém não foi o que aconteceu de imediato refugiava-me fechando-me em um mundo de timidez e medo de falar, como em minha infância, e a única coisa que fazia era estudar. Com o tempo foram se criando novos laços de amizades, cumplicidades e novas enformações.

E ao entrar no ensino médio (1º ao 4º ano), onde ainda era formação em magistério no Colegio Paulo VI, uma das melhores e mais formidáveis fases de minha vida, pensava ser uma etapa do sistema de ensino que equivalia a uma das fases de formação educacional que profissionalizava um professor para ensinar, sendo essa minha finalidade. Ali era o aprofundamento dos conhecimentos já adquiridos: formar-me,galgando uma função cidadã para a vida social e para o profissional. O colégio realizava vários projetos como: gincanas culturais, oficinas e as matérias novas de metodologias e estágios os quais pude estar em contato direto com escolas de educação infantil e ensino fundamental I e II, psicologia, filosofia e sociologia com as quais tive muita satisfação em estar em contato.

Realizei estágio de docência por 3 meses, como regente de turma, uma época inesquecível, acredito que ali meio que sem saber já me fazia educadora, pela dedicação em que acolhi aquelas crianças como meus alunos, me lembro de ter aquela preocupação com cada um de conversar perguntar como foi seu dia anterior, de ouvir mesmo, porque era uma satisfação fazer parte da vida deles e eles da minha e muitos hoje, ainda tem aquele carinho comigo. Nesta época também fazia parte de comissão de formatura, então sempre me encontrei em meios a projetos e eventos sempre administrando juntamente com amigos e professores, isso me fez querer continuar meus estudos e porque ainda faltava um pouquinho mais, para de fato me tornar uma professora /educadora.

Agora a escolha e a decisão foi minha, mesmo tendo que viver longe de familiares, namorado, e amigos que são raízes de minha existência. Há exatos seis anos mudei para Salvador trazendo comigo bastante saudade, mas os sonhos também eram muitos. E em meio a esta mistura de sentimentos e emoções existia o medo e a angústia. Era um mundo totalmente inverso do que já tinha vivido até aqui. Neste tempo minha vida transformou-se em realizações, decepções, lágrimas, risos e alegrias.

Comecei fazer cursinho mas não tinha uma definição do que realmente gostaria de fazer, foi uma época de dúvidas e incertezas, prestei vestibular para vários cursos diferentes, entre eles Pedagogia mas, por armadilhas do destino fui reprovada na segunda fase da prova, e as dúvidas retomaram e juntamente com elas eu fui novamente para o cursinho, os questionamentos: meu Deus é por que não tinha que ser Pedagogia? as perguntas eram muitas, mas as respostas quase nenhuma, aí vieram os conselhos para eu prestar vestibular para Psicologia que fazia meu perfil, mas eu mesma não tinha certeza se era o que eu queria. Então depois de muito pensar, decidi por Pedagogia e segui em frente na concretização de um sonho e juntamente comigo várias pessoas que entraram em minha vida tornando-se amigos, parceiros para a vida, e um destes teve papel fundamental em minha caminhada, pois a matéria de história tinha marcado minha vida, havia me reprovado na seleção do vestibular e este anjo-amigo me deu subsídio para estudar e então depois de 3 anos de cursinho, passei na Universidade Federal da Bahia e na Universidade Estadual da Bahia, em Pedagogia era a realização de um sonho estar em uma Universidade, uma sensação indescritível.

Ao chegar a Universidade tive a leve sensação de estar em um universo desconhecido, tudo é novo é assustador, dá medo e novamente minha timidez paira sobre mim, mas está ali com o coração batendo, acelerado, ansioso e paralizado para conhecer os professores e cada matéria que conhecia o coração batia mais forte e os olhos brilhavam como no caso de Psicologia da Educação I, II e Fundamentos Neuropsicológicos da Aprendizagem, onde aprendi a importância dos Fundamentos neuro-psicológicos da aprendizagem os distúrbios de aprendizagem, o desenvolvimento da aprendizagem, as implicações pedagógicas e as teorias interacionistas dificuldades e comportamento em sala de aula, dentre muitas outras

coisas. Em Filosofia da educação pude entender a origem da crise na nossa educação e seus fatores nos processos sociais do ensino e da aprendizagem, ficava ligada para não perder nada. Na disciplina Linguagem da Educação, tive um encontro inesquecível e o prazer de conhecer não uma professora, mas uma fada madrinha que com uma advertência abriu meus olhos tanto para minha vida pessoal como profissional, como diz nos contos de fada, para sempre!

Ao começar os estágios no segundo semestre ainda havia uma pequena dúvida, se era realmente a área da educação que realmente gostaria de seguir minha vida, mas poder estar confrontando a teoria e a prática embora que não fosse suficiente, já era de bom tamanho para não ter dúvidas que queria me fazer educadora, assim como Freire (1991) diz, que ninguém nasce educador, nem tão pouco marcado para ser educador, nos fazemos através da experiência, da dedicação, do amor pelo que fazemos e assim, nos formamos sempre refletindo sobre nossas atitudes. Em Linguagem da Educação, Alfabetização e Letramento, Práticas Educativas em Educação Infantil pude conhecer entender e aprender sobre a infância suas concepções, representações e caracterização, as diferenças; sobre o discurso pedagógico, diferentes linguagens e saberes na e para a educação, especialidades de saberes pedagógico para crianças de 0 a 6 anos e desenvolvimento de bebês, fundamentos teóricos e práticos, confecções de oficinas e visita a creche da universidade para experiência a prática destas teorias.

As disciplinas de Fundamentos e de Metodologias em geral me possibilitaram a construção de conhecimentos e métodos sobre temáticas evidentes dentro de seus quadros de técnicas apropriadas aos conteúdos a serem trabalhados, favoreceram uma melhor articulação entre teoria e prática com procedimentos práticos e que estão evidentes em nosso cotidiano, assim demonstrara-me suas finalidades para com uma aprendizagem significativa em minha formação.

Antropologia da Educação veio ampliar meu entendimento e questionamento antropológico mesmo sobre o que é Antropologia e como trabalhar com esta na prática no cotidiano de uma sala de aula e no processo de aprendizagem da diversidade, cultura tão distinta e ao mesmo tempo homogênea, e sempre trabalhando isso no universo das crianças. E as matérias que contemplaram a temática e a diversidade da Educação Especial puderam conhecer este público do qual tinha um receio em trabalhar por medo de não saber lidar com um público que

traz consigo uma abordagem humanística e democrática que percebe o sujeito com suas singularidades que possuem em sua essência o crescimento e uma satisfação de interação social atendendo as necessidades educacionais, como Libras, que entendi e aprendi algumas técnicas da linguagem da comunidade surda, que além do dinamismo da aula que englobava prática da língua e as teorias que subsidiaram na forma de como tratar estas crianças em sala de aula para de fato acontecer uma inclusão e uma interação do sujeito-aluno em um sistema regular de ensino desenvolvendo e assegurando o desenvolvimento e o envolvimento pessoal de todos através de práticas pedagógicas significantes.

Tive o imenso prazer de realizar estágio III no Instituto de Cegos da Bahia onde pude estar em contato com estes adolescentes e com pessoas que trabalha por lá, uma experiência ímpar a minha formação acadêmica, Pois, as entrevistas com aqueles meninos ampliou minha visão limitada sobre a questão da deficiência consegui romper as barreiras que me limitava, além do aprendizado foi uma lição de vida como disse um deles <sup>4</sup>“as pessoas normais são muito preconceituosas, graças a Deus que sou cego, e mesmo assim ainda consigo enxergar mais que vocês que enxergam [risos]”. Em gestão educacional pude aprender como tomar conta da coordenação de um Colégio e entender o papel e as funções de um coordenador pedagógico dentro da educação.

As disciplinas optativas foi uma possibilidade de experimentar outros campos que subsidiaram e contribuíram de diferente forma como em Fundamentos Neuropsicológicos da Aprendizagem que pude fazer uma ponte com o que estava estudando em educação especial e ficando melhor o entendimento, e em Memória em vídeo da educação na Bahia que estava indiretamente ligada a polêmicas Contemporâneas e Educação e tecnologia contemporânea que foram uma junção em minha mente sobre a implementação das tecnologias e sua importância para a educação na vida do sujeito/aluno sem contar nos temas polêmicos que cercam a nossa sociedade dentre este universo educacional tão diversificado e complexo e nas lições de educar como ato de amor que pude conhecer através das entrevistas realizadas em uma delas.

Uma matéria em que as horas voavam e a cada dia me encantava e ficava maravilhada era Literatura Infanto-juvenil e em Contação de Histórias onde destacou-se como uma procura pelo entendimento e pelo fazer literário dentre este

mundo contemporâneo, resgatando o drama e a fantasia infanto-juvenil, como é a relação da literatura professor aluno no percurso do ensino aprendizagem e o <sup>3</sup> contador utiliza suas performances dos sentidos para fazer literatura oral tudo isso constitui uma abordagem para aspectos formativos do processo do sujeito leitor.

Em Arte e Educação e Educação Física e no curso de extensão de comedia d'arte que fiz, pude entender a importância de trabalhar corpo e mente afinal, um não se desprende do outro na hora da aprendizagem, embora a maioria dos professores e das escolas não olham para esta interação, considerando o corpo uma mera extensão da mente e que não precisa ser trabalhada em conjunto para melhorar a coordenação motora e cognitiva. E de forma geral e ampla, com os estágios curriculares pude entender, compreender e viver os processos de construção de conhecimento escolar em suas interações tanto na prática de muitas teorias científicas estudadas na Universidade, quanto no cotidiano da prática coparticipativa das quais fiz parte.

No trabalho de conclusão de curso - TCC onde optei por fazer o memorial a professora pediu para que nosso ponto de partida fosse a construção de uma árvore cronológica ou não, que trouxesse toda nossa trajetória de vida escolar ou do que queríamos que nosso memorial abordasse – construir uma árvore cronológica desde quando comecei minha vida escolar. Ai percebi que minhas dificuldades durante o trajeto escolar foi devido a ausência da leitura de forma efetiva e então decidi dar prioridade a esta temática. Mesmo que de forma rápida sem me ater muito.

### 3.1. POR ONDE ANDEI.

“Feliz é aquele que transfere o que sabe, e aprende o que ensina”. (CORA CORALINA)

Falarei aqui de minhas experiências em outros universos dos projetos os quais de forma implícitas me auxiliaram tanto pela bolsa, que era uma forma de me manter financeiramente, quanto pelo conhecimento que me propuseram conhecer <sup>2</sup>em universos distintos e em linhas de pesquisas diferentes, isso foi de uma riqueza

---

<sup>2</sup>UCA-programa Um Computador por Aluno - tem como objetivo ser um projeto Educacional utilizando tecnologia, inclusão digital e adensamento da cadeia produtiva comercial no Brasil.

imensa, porque pude estar mais próxima de tantos professores e colegas que fizeram grande diferença na minha vida formal e informal, pois por onde andei fiz amigos e ganhei conhecimento, coisas que o tempo jamais levará de mim. Como a vida nos proporciona encontros mágicos, relatarei aqui algumas das poucas trilhas que fortaleceram minha caminhada. Dentre minhas itinerâncias, descreverei sobre o Projeto Leitura Com... , e o Projeto Dinâmica do projeto <sup>5</sup>UCA na Escola: A Construção de Práticas Pedagógicas pelos Professores no Contexto das Redes e da Mobilidade Informacional.

### 3.1.1 Projeto Leitura Com...

Em 2010 passei a integrar um projeto coordenado pela professora Licia Beltrão, titulado do Leitura Com..., este me fez descobrir um mundo mágico e encantador e que reinventou meu mundo enquanto leitora e me fez refletir como a ausência dela em minha infância tinha interferido em minha vida de leitora, pois a literatura é uma perspectiva de manipulação das emoções tendo o poder de suscitar e despertar reflexão da realidade cotidiana das crianças.

O projeto Leitura Com..., é vinculado à Pró-Reitoria de Ações Afirmativas da Universidade Federal da Bahia e ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem - GELING, FACED-UFBA. Foi criado no ano de 2007-2008, pelas professoras Mary Arapiraca e Lícia Beltrão, visando compartilhar leituras literárias de diferentes escritores com leitores crianças e adultos, objetivado a ampliação de suas competências, pois assim como o projeto Colomer (2007, p.43), também diz que:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com o que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

O projeto mostrou e apresentou a leitura de uma forma poética prazerosa a partir daí passei a ver e sentir que esta tinha um significado que ia além de ler por

obrigação, este significado veio como uma oportunidade de conhecer e entender o mundo, conhecer o outro, as coisas e até a mim mesma.

Recordo como no dia de hoje meu primeiro dia no projeto minhas duas colegas já haviam estado ali antes, mas para mim era a primeira experiência, fiquei ali ansiosa para saber o que íamos fazer afinal, tudo era novidade, confesso que foi uma tarde inesquecível, mesmo estando com os pés no chão eu flutuei. A cada reunião uma expectativa de ouvir mais poemas, de estudar sobre leitura, de ler e conhecer novos livros de literatura infantil, o que mais marcou foi a forma como que eles eram lidos pela professora, aqueles gestos de delicadeza com que ela tratava cada assunto abordado de forma sutil e única, com que éramos tratadas pela nossa orientadora, a qual teve um papel significativo em minha formação leitora, me acolheu e me mostrou que a tempo para tudo e que nunca é tarde para aprender a apreender o ofício da leitura.

Durante a estadia no projeto realizamos muitas atividades de leituras compartilhadas, socializamos obras literárias infantis e de outras modalidades, apresentamos o projeto no SIEP( nota de rodapé) e no ELEG ( nota de roda pé), nessas experiências adquirir uma bagagem tanto no âmbito pessoal/acadêmico quanto coletivo, pois estas atividades eram enriquecedoras tanto para o exercício da prática pedagógica profissional como para a vida.

“É importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas”. (COLOMER, 2007, 143).

Tomamos como exemplo, o que diz Colomer e então, desenvolvemos atividades de socialização de literaturas, realizadas no pátio da FACED com o objetivo de incentivar a leitura e ampliar o número de leitores, estimulando tanto pessoas da comunidade universitária quanto aqueles que por ali passara, desenvolvemos ação de emprestar livros para que eles pudessem ler com outros em seu cotidiano e dentro de um prazo de quinze dias retornassem com o livro para devolução, nossa estratégia era incentivar a circulação de livros em locais públicos.

Apresentamos no SIEPE- Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão, em forma de banner e no ELEGE - Encontro de Leitura e Escrita do GELING de forma oral. E com uma exposição na biblioteca Anísio Teixeira, de livros de literaturas raras que a comunidade FACED pouco tem acesso, realizamos também, leituras de histórias para grupos de criança, era uma atividade que individualmente cada bolsista lia para um determinado grupo, realizei esta atividade com um grupo de crianças de Rio do Pires, este contato direto com o público leitor foi satisfatório e surpreendente. Usando as palavras de Colomer, conclui que:

Compartilhar as leituras não apenas estabelece vínculos entre os leitores de alguns livros em um momento determinado, como os conecta com sua tradição cultural. (...) A escola tem dever de velar para que assim seja. (COLOMER, 2007, p.151).

A participação e as informações colhidas por mim nas atividades desenvolvidas perante minha estadia no Projeto Leitura com..., teve uma imensa contribuição na proporção das experiências e da formação habitual enquanto leitora/pesquisadora de extrema importância, que favoreceram minha história de educadora pedagógica na prática, e trouxe também preciosas contribuições para minha concepção intelectual, no momento que expandi noções simples e imprescindíveis na minha formação enquanto pedagoga. Afinal, temos sempre que ler de forma qualitativa, pois há uma necessidade como leitor / educador de ler sério e sempre, pois a leitura proporciona o acesso ao mundo do conhecimento da cultura tendo uma concepção narrativa do seu papel enquanto função social, a qual canaliza esforços onde o sucesso do leitor dependerá de sua orientação comprovando assim, a temática que o projeto aborda.

3.1.2 Projeto- A dinâmica do projeto UCA na escola: A construção de práticas pedagógicas pelos professores no contexto das redes e da mobilidade informacional.

Em 2012, migrei para o projeto “A Dinâmica do Projeto UCA na Escola: A construção de Práticas Pedagógicas Pelos Professores no Contexto das Redes e da Mobilidade Informacional” - vinculado à FAPESBE – CNPq da Universidade Federal

da Bahia e ao Grupo de Estudo e Pesquisa – GEC( nota de rodapé), FACED- UFBA, onde meu plano de trabalho era intitulado, “A presença do UCA na sala de aula: Ressignificando a prática pedagógica dos educadores e o sentido de educar”.

A pesquisa aqui apresentada foi de abordagem qualitativa, de caráter etnográfico, justificando minha imersão em campo, onde eu tive contato direto com o sujeito da pesquisa, com o seu cotidiano, o que possibilitou uma riqueza na descrição dos detalhes no acompanhamento e descrição dos processos desenvolvidos. Segundo Ludke e André (1986), a preocupação dos pesquisadores está com os processos e os significados que os sujeitos atribuem ao seu cotidiano e aos objetos.

Visava compartilhar a construção de práticas pedagógicas no contexto de redes sociais e da mobilidade informacional, meu papel ali naquela escola da rede municipal de Salvador, que atende ao Ensino Fundamental I, contemplada com o projeto, era compreender como os professores estavam resignificando sua prática, construindo novas estratégias pedagógicas e pensando o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação em seu cotidiano de sala de aula.

Para mim foi uma oportunidade única, porque as tecnologias estão a todo vapor e a educação tem que se fazer inserida e eu juntamente com elas, isso para minha vida profissional foi de uma valia sem tamanho, pois pude ver e entender tanto na teoria quanto na prática, afinal a contemporaneidade vem acompanhada de uma série de transformações em todos os aspectos da vida social, cultural, política, econômica muitas delas resultantes do acelerado desenvolvimento tecnológico. E isso chama atenção às transformações que estão ocorrendo no campo das tecnologias da informação e comunicação com a emergência de novas formas de relacionar, comunicar, produzir e disponibilizar conhecimento. A velocidade com que as informações circulam não tem precedente, nem suas formas de acesso, e eu como educadora tenho que me empenhar em desenvolver estas práticas em meu cotidiano de sala de aula, pois meus pequenos vão chegar com todo gás e estarei segura e preparada para partilhar com eles estas informações e conhecimento.

Minha passagem pelo projeto me ajudou na compreensão e no conhecimento do que é o Ciberespaço que é caracterizado pela interconexão das redes, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva tem se expandido, tornado-se o mais

novo local de "disponibilização, acesso e interação" de informações e conhecimento liberado pelas novas tecnologias, hoje já compartilhado por milhões de pessoas de todo o mundo independente de classe social. Segundo Lévy (1998, p.113) o ciberespaço é:

O universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural [...] O ciberespaço designa menos o suporte de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados.

Outro aspecto importante para nós educadores que emerge, são possibilidades de disponibilizar, trabalhar e acessar conteúdos em tempo real, ou seja, temos um elemento novo que permeia as relações que envolvem as tecnologias da informação e comunicação, a mobilidade. Segundo Santaella (2010), a mobilidade pode assumir um sentido de portabilidade, quando temos a disposição aparelhos móveis, e de acesso à informação, o que é mais comum hoje é encontrar alunos com estes aparelhos em sala o que possibilita navegar, comunicar e interagir online com o mundo que está fora dos muros da escola, pois segundo Costa (2008), vivenciamos a cultura do digital, onde todas as nossas práticas, nossos hábitos estão imbuídos da forte presença das tecnologias, principalmente as digitais, que nos colocam diante de uma infinidade de ambientes, de interatividades, interconexão, de inter-relação, onde um mix variado de informações, imagens, sons, textos, mensagens vão ganhando significado na ponta dos dedos, nos clicks, de produtores e consumidores tanto dos artefatos como de conteúdos digitais.

Percebi neste pouco tempo em que me fiz presente a este universo tecnológico o potencial que essas tecnologias pesam no campo educativo. Um campo sempre permeado por relações hierárquicas de poder, marcado por um contexto onde prevalecem processos de reprodução do conhecimento, com pouco espaço para a liberdade de criação tanto de professores como de alunos e também de muitas contradições e conflitos. Esses últimos são as principais formas de protagonismo de professores e alunos, pois, agora esse protagonismo pode ganhar outra perspectiva quando temos a presença das tecnologias imbricadas no fazer educativo, que vai

desde o planejamento, desenvolvimento e construção do conhecimento por alunos e professores.

Diante da necessidade de incorporação das tecnologias na vida da população, no Brasil passa a serem implantados projetos como o UCA, uma iniciativa governamental que começa a dar seus primeiros passos a partir de 2007. Tendo como objetivo a inclusão digital da população, levando um computador, laptop para cada criança matriculada em escola pública. O Programa Um Computador por Aluno - UCA objetiva ser um projeto educacional que utiliza essas novas tecnologias e seus novos espaços para fazer com que aconteça o trabalho nas escolas, expandindo para os demais espaços geográficos que o indivíduo se encontra. Tem também o objetivo do uso pedagógico do digital, formação para a implantação da cadeia produtiva no Brasil, a inclusão digital.

Apesar de todas as dificuldades encontradas na escola percebi um desenrolar ainda que timidamente, para a ressignificação das práticas pedagógicas dos professores na sala de aula que tem mudado o significado de educar com a presença dessas tecnologias, que segundo Bonilla (2005):

A abertura à ressignificação cria possibilidades para que as transformações do sistema educacional emergem de dentro dele próprio, fortemente articuladas ao conjunto de transformações sociais mais amplo, uma vez que implicam as concepções, os valores e as práticas de cada sujeito do processo pedagógico. (BONILLA, 2005, p.1).

Durante o projeto realizei algumas atividades como estudo sobre o projeto UCA, sobre comunicação e mobilidade, Cibercultura, internet e inclusão digital a fim de construir um embasamento teórico para entender melhor a perspectiva da pesquisa. Apresentada e discutida no Grupo de Pesquisa GEC – Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias, onde debatemos o plano de trabalho e os caminhos que a pesquisa deveria percorrer. Participei também do I Seminário do UCA, onde realizamos filmagem do evento, e visitas à Escola Maria Antonieta Alfarano em Cajazeira XI, onde relatava e acompanhava periodicamente o trabalho dos professores, diretora/coordenadora, alunos sempre registrando tudo no diário de campo.

Isso tudo foi indispensável para a minha formação, pois, desde o conhecimento do projeto, os estudos e oficinas que participei da elaboração do relatório final de minha pesquisa foi muito proveitosa pena que é anual e tive que sair,mas esta experiência despertou muita curiosidade em relação as novas tecnologias na escola, também respondeu questionamentos e proporcionou conhecer tantos autores bons que falam desta temática, sem falar do contato com os integrantes do GEC e do contato direto com a escola sobre a ótica do pesquisador. Foi enriquecedor para minha formação e para minha construção enquanto sujeito pesquisador.

#### **4 FACHOS DE LUZ SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.**

O ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (MARTINS, 2007 p. 30).

Quando pensamos em leitura, geralmente nos remetemos a uma leitura formal. Como aponta Martins (2007) o conceito de leitura está na maioria das vezes limitado a decifração da escrita e sua aprendizagem. Entretanto a autora amplia esse conceito e afirma que a leitura se relaciona por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacidade para o convívio e atuações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Partindo desta perspectiva, podemos pensar diversas formas de leituras que são construídas ao longo do nosso desenvolvimento. Neste sentido, podemos pensar em leituras de mundo, leitura autobiográfica, leitura formal, dentre outras. Acredito que essa diversidade de leituras contribua significativamente para o desenvolvimento cognitivo, o que por sua vez nos permite adquirir e ampliar os nossos conhecimentos.

Neste sentido, ao definir a leitura percebemos que ela é inerente ao desenvolvimento cognitivo. Conforme afirma Papalia (2008), o desenvolvimento abrange um conjunto de capacidades mentais subjacentes ao comportamento inteligente, sendo influenciado tanto pela herança quanto pelas experiências vivenciadas pelo indivíduo ao longo de seu desenvolvimento. Percebendo que a história de vida das pessoas tem influencia direta no desenvolvimento humano, pois no caso na leitura quanto mais lhe é oportunizado mais desenvolvida ela será.

Apresento aqui um mosaico de fatos vividos direcionados para fachos de luz da leitura, trazendo a própria trajetória enquanto leitora, tendo como ponto central a minha leitura autobiográfica. Nesta leitura utilizo como principal instrumento a memória, elemento que me permite fazer uma releitura dos acontecimentos e ler minha própria história. Sobre a luz dos fachos da leitura, pude fazer uma releitura da educação.

Durante minha passagem pela escola regular, minha experiência de vida como leitora se assemelha como a de Sanches Neto, por ser de uma família que não

possui o hábito de possuir livros, até mesmo, porque a situação sócio econômica não permitia e também serem analfabetos funcionais. Recordo que os únicos livros que tinham em minha casa eram uns de cânticos de Igreja e uma bíblia. Mas tenho várias lembranças em que meus avós adoravam contar histórias e lendas típicas de interior, histórias estas que me faziam viajar, mesmo que depois ficasse morrendo de medo. Os primeiros contatos que tive com os livros de forma mais concreta foi na escolar, abrindo assim novos horizontes e fortalecendo assim a minha imaginação, pois ao folhear esses livros despertava em mim um desejo de descobrir o que continha por traz das aquelas folhas.

Esse primeiros contatos foram significativos, sendo expandidos no Ensino Fundamental e Médio, mas ainda apresentava uma carência que foram percebi ao estudar para o vestibular, quando me deparei com várias obras literárias para ler em um curto espaço de tempo para me preparar e submeter às provas. Fizeram-me despertar para uma realidade, a qual não estava familiarizada e mobilizaram em mim uma profunda reflexão – comecei a perceber que o meu histórico de leitura não me forneceram subsídios para leituras mais densas. Então fui apelar para os rápidos e práticos resumos destas obras, os livros que li realmente, na íntegra foram Equador e Senhora, porque me chamaram atenção pelo enredo, ou porque me deparei com uma linguagem simples e fácil de entender, ou por identificação não sei ao certo, o que sei é que não era uma leitora assídua de livros de literaturabrasileira.

Ao entrar na Universidade, nos primeiros semestres, sentir o fardo de não ter tido esse habito de ler, pois me deparava ali com escritos complexos, às vezes eu lia e não decifrava nada que ele queria me dizer, na minha cabeça estava tudo sem contexto, devido a minha pouca experiência de leitura e então batia um desânimo, devido o conteúdo científico difícil, mergulhado em uma linguagem sofisticada, informativa, exigia uma leitura parafrástica, conforme Orlandi (1983). E então comecei a fazer uma conexão sobre minhas dificuldades atuais e a forma como fui alfabetizada e os hábitos de ler que possuía e não me recordo que durante a infância e adolescência tenha tido algum livro que me marcou ou que tenham de alguém. Infelizmente na sociedade em que vivi minha vida toda, não temos a cultura de ler por gosto, habito ou envolvimento com o saber, os atos de leitura são apenas questão de obrigação educacional e não como prazer ou satisfação. Relembro que o ao passar a morar com minha família afetiva passei a estar imersa a um contato

mais próximo com livros, mas que de certa forma não influenciou na minha formação como leitora, de forma eficaz e eficiente, faltou mais incentivo. No futuro posso mudar esta realidade. já que serei uma futura pedagoga.

Ao ler pela primeira vez Paulo Freire “A importância do Ato de Ler”, me identifiquei, revivi minha infância, assim como a dele grande parte foi passada também em um sítio e pude compreender que embora não tive contato com livros tive a leitura do mundo, um mundo que sem dúvida nenhuma, fez e continua fazendo uma diferença significativa e quantitativa em minha vida e minha formação, assim como diz Freire (1981, p.11) que diz “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.”

Recordo-me que na casa da minha tia afetiva, que é professora, que tem um pequeno acervo diversificado, adorava ficar mexendo naqueles livros, me vinha o desejo de possuí-los, pois achava belo ter livros, hoje sei como é importante tê-los e principalmente lê-los. E nestes passeios em meio aqueles livros me lembro de ter pegado por acaso um livro espírita, cujo título era “o outro lado da vida” e ter ido até o final, mas não dei continuidade à leitura, não tinha paciência de ficar horas e horas parada lendo, pois não tinha hábito nem costume, acredito que faltou um pouco de incentivo, vontade de ler.

Analisando com um olhar de hoje, sei que a leitura não pode ser tratada como uma atividade cognitiva simples e nem tão pouco um ato mecânico, pois como podemos compreender a leitura é uma atividade social que envolve participação do outro, construção de conhecimentos relevantes à formação do indivíduo. Além disso, é imprescindível valorizar o ato da leitura para além do exercício de codificação e decodificação de palavras e textos, que avaliam a competência linguística do indivíduo, como diz Coelho (2002, p.40) "deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura".

Percebo que faltou muita força de vontade própria, mas acredito que, o incentivo é um ponto determinante para formar leitores. E, em minha vida escolar sinto que houve falhas tanto da escola, quando dos educadores que em minha vida passaram e do contexto em que me encontrava, pois nas escolas em que estudei,

não continham bibliotecas e os professores e minha família não incentivava a leitura de livros literários.

Acabei tendo um contato com este mundo fantástico da leitura e da literatura através da Universidade quando comecei a fazer parte do Projeto Leitura com... Sendo assim, concordo com Colomer (2007), a leitura promove atividades compartilhadas com objetivo de ampliar o repertório literário e criar uma atmosfera de cumplicidade, fazendo com que os sujeitos envolvidos nas práticas de leitura socializem seus saberes e experiências de leitura e sobre leitura e literatura.

O gosto e a paixão por livros da literatura infanto-juvenil talvez seja pode ser por conta de uma necessidade de fazer leituras livres, diferentes das obrigações acadêmicas, ou será por não ter tido estes na infância? Não sei, o que sei é que essa literatura me cativa, talvez pelas suas temáticas que perpassa o imaginário e por permitir ler e viajar. Tendo hoje, a sensibilidade de perceber que a leitura é um instrumento importante na construção do ser cidadão e promoção da autonomia, influenciando assim no cotidiano e contexto familiar com a nova geração. Contribuo para que meus pequenos despertem o um gosto pela leitura, que foi o que faltou em minha vida em quanto leitora. Então já sabem se for ganhar presente da tia, sem dúvida vai ser um livro, no inicio os mais velhos achavam que eu estava jogando meu dinheiro fora, que menino não lê, hoje gostam e já opinam sobre o que quer ganha ou a história que quer que eu conte para eles.

Os sentidos vão sendo reconstruídos, tendo em vista o contexto de vida, os conhecimentos prévios destes meus novos leitores. Segundo Coelho (2000), a leitura é uma das dimensões culturais que oferece condições para o desenvolvimento do ser humano. E Zilberman (1987) completa dizendo que, uma das qualidades da literatura seria dar condição de criar novos horizontes, de prover acesso a uma versão de mundo que vai além do que conhecemos. Sendo assim, essa, está sendo uma forma que encontrei de compensar o que perdi de viajar por entre os contos e os faz de conta, que a literatura e a leitura nos proporcionam, mas hoje com meus pequenos viajo e me teletransporto quando estou imersa neste mar de fantasia, de faz de conta, de contação de historia e de magia.

Ao comparar este artigo do livro “A importância do ato de ler” com minha trajetória, é fundamental resaltar que a leitura é realmente remota como diz Freire ao

reler minha história enquanto leitora, pois antes de começar a escrever meu TCC, não tinha dado tanta importância a outras formas de leitura embora já tivesse lido este artigo e tantas outras coisas sobre leitura. E foi assim, que descobrir que a literatura e a leitura de forma indireta sempre se fizeram presentes através das histórias contadas pelos meus avós e minha mãe e que ao estar em contato com o mundo, com a natureza e animais eu estava lendo e assim pude reviver em mim a compreensão crítica dita há muitos anos por Freire, ao falar sobre a importância deste ato.

Ao falar da importância da leitura para o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança me debruço em minha trajetória e experiência, para isso, retomei a infância buscando compreender como se deu este processo e aí descobri que minhas dificuldades que me acompanharam até a Universidade foram frutos de minha má alfabetização e aí compreendo hoje com o conhecimento que tenho, que o meu ato de ler se deu em primeira instância com a leitura do mundo como diz Freire e só muito depois a da palavra que de certa forma houve um certo retardamento nos processos cognitivos e que se tornaram reflexos nos dias atuais.

Ler é compreender o que se está decodificando, é dá sentido ao código alfabético, em sua vida em seu mundo, meu primeiro contato com cores, texturas, plantas e animais se deu no sítio em que vivia. Ali, pude viver as práticas que muitos só conhecem de na teoria, sem contar que em meio a todo este meu contexto encontrava-me em um universo de linguagem dos adultos e dos mais velhos, isso foi enriquecedor, porque hoje percebo que estava imersa em meio à crenças, costumes e tradições, o que sem dúvida nenhuma contribuiu em massa para formar meus valores. Freire diz “No esforço de retomar a infância distante a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia” (FREIRE 1981, p. 14).

Continuando neste exercício de reler, assim como Freire, estes momentos que vivi foram fundamentais e indispensáveis, indo de reencontro com minha infância e minha adolescência para uma melhor entendimento crítico dá importância da leitura, para que em minha prática como educadora não viesse cometer os erros pelos quais passei, dando a devida importância a leitura de mundo que cada indivíduo traz consigo individualmente. Hoje tenho a certeza que depois de reviver tudo isso,

todo o processo mentalmente, minha prática e meu olhar para com meus alunos será diferenciada, pois partirei do individual passando para o grupal e ai sim, para um coletivo mantendo o respeito pela particularidade de cada um.

Deixar claro ao escrever sobre a importância da leitura, que assim como eu venho descrevendo sobre as minhas itinerancias formativas, as descobertas a respeito do ato, de meu esforço e meu olhar sobre esta seja de tal importância para interferir de forma relevante na prática e na vida de quem o ler. Pois ao longo de minha caminhada esta internalização da importância desta, só caiu em mim quando cheguei a Universidade e se deu de uma maneira constrangedora e desconfortável: em um belo dia uma professora que eu admiro muito me chamou atenção porque eu tirei uma nota baixíssima em sua matéria de linguagem, e isso me envergonhou, porque eu não havia compreendido como era para responder a atividade, isso porque eu não compreendia o texto, ai ela com toda a paciência do mundo me explicou e na segunda chamada eu tirei 10, depois disso ela me convidou para adentrar a um grupo de pesquisa o qual ela coordenava e então, entendi que ela discretamente sem falar diretamente percebeu meu déficit em leitura e resolveu acolher-me para suplantar meu déficit e graças a ela eu hoje digo que sou uma leitora eficiente porque consigo ler o que não esta ali escrito como ela diz “ ler as entrelinhas ”. E posso ir mais longe, pois FREIRE (1981, p. 20) já dizia, que “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo” quer dizer de transformá-lo através de nossa pratica consciente”. Que foi o que a minha “fada madrinha” teve e espero exercer esta percepção sensível e consciente para com meus alunos.

Ler nos abre caminhos e nos guia a possibilidades de fazer uma viagem em todos os sentidos desde a imaginação grandes interpretações, que nos torna indivíduos pensantes, donos de nosso próprio destino e capazes de reivindicarmos por nossos direitos como cidadãos, a leitura tem formas e mais formas de nos conduzir leitores por prazer, por conhecimento informal ou formal, por diversão. Ela não e uma atividade limitada, perpassa pelo processo de instrução e apreensão no tempo determinado a cada indivíduo, é importante ressaltar que o processo de leitura começa desde o processo de alfabetização, e por isso a mediação desta é de fundamental importância. Colomer confirma isso quando diz: “Não limitada a espaço

e tempo, a leitura está intrinsecamente relacionada com “atividades compartilhadas” (Colomer, 2007,pg ).

Com o passar do tempo, o leitor vai aperfeiçoando e exercitando a prática de leitura e passa a adquirir uma melhor compreensão do que esta lendo e passa a ficar mais exigente, passando a selecionar autores que se identifica já que, assim se faz uma interação do que está lendo com o cotidiano. A propósito não quero formar cidadãos como fui formada, mas com o que absorvi do que me ensinaram talvez essa seja a questão por ter optado pelo memorial, pois ao lançar meu olhar para toda minha trajetória me faz melhor educadora com uma sensibilidade mais perceptível, é saber aproveitar tudo que vivi de melhor e não me lamentar, reconhecer as lacunas assim como os ditos populares nos ensina “se a vida te der um limão faça uma limonada”, assim entendo com este pensamento que, você adoça a vida e tem a possibilidade de adoçar a de outros sujeitos.

Ainda não declaro que sou uma leitora assídua, de ter um grande numero de exemplares lidos por ano infelizmente, embora hoje eu leio bem mais que a três, quatro anos atrás, isso é fruto de uma percepção pessoal da importância do quanto a leitura nos abre portas para um mundo de imaginação, fantasia e conhecimento. É uma ferramenta que o homem não pode tirar do outro. Assim reflito e tomo consciência de tudo que descrevi e vivi até o exato momento e assimilando as frases do mestre, para que possa fechar minha reflexão sobre a leitura e sua importância, faço das palavras dele minhas palavras, Freire (1981, 12)

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distancia” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavra mundo”.

Devido ao que foi exposto, creio que seja redundante falar de tal importância, da leitura de mundo como precursora da leitura escrita, dizer algo deste momento como um todo, é perceber que a realidade de minha formação específica, enquanto leitora de mundo e da palavra fez-me descobrir no mundo, em particular, tem um papel dos fatores em que envolve os “fachos de luz” que me levaram a compreensão das

fendas que abriram o caminho para que meus olhos e minha consciência pudesse alcançar de maneira reluzente, buscando em minhas itinerâncias, as respostas para meus anseios e dúvidas presentes sobre as importâncias que conquistamos no desenrolar da vida.

E através de nossos ensaios, que são fruto, da maneira pela qual interagimos com pessoas, coisas, fatos e relações ao longo da nossa vida profissional e pessoal, não podemos desprender de um mundo onde se percebe a realidade que o cerca. Ao crescermos profissionalmente como educadores e leitores começamos a tecer o passado e presente refletindo, sobre novas aprendizagens, que ocorrem a cada vez que acrescentamos novas informações ao sentido que construímos a respeito da realidade vivenciada.

No capítulo seguinte utilizarei as palavras rota, rotina e ruptura, para nomear e assim, demonstrar o itinerário percorrido habitualmente. Trago minhas conclusões para o contexto paradoxal, que é uma figura de linguagem a qual consiste a transferência da significação, da qual utilizarei as estações do ano que perpassa pelos três elos, havendo assim, uma ruptura, uma quebra da transição de uma estação para que a outra possa surgir.

## 5 ROTAS, ROTINAS E RUPTURAS

Dou-me conta que o tempo passou as marcas das lembranças fincadas no meu peito, ora intensas, ora suaves, me fazem perceber que não foi ontem que as vivi, enquanto o tempo no seu galopar tão depressa faz parece que foi. Reviver todas estas emoções faz surgir leves e intensas saudades, que neste exato momento aperta-me o peito, me trazendo o desejo insano de voltar a ser criança, quem sabe adolescente talvez, mas rapidamente num estalo as incertezas e as reflexões mundanas do presente pairam sobre mim neste ciclo que parece caminhar para um desfecho, criando possibilidades para que possa trilhar novos rumos pelo caminho da vida. Compreendendo que ir em frente é preciso para que em um belo dia possa reviver e refletir, todos os momentos tão marcantes como este que se concretiza e se intensifica com esse meu ato.

Durante as rotas, as rotinas e as rupturas que ia recordando e descrevendo sobre minha vida e formação, rememorava e fazia uma releitura reflexiva das histórias e experiências, percebi quanta coisa aprendi nestas estações da vida, as novidades foram muitas, as emoções vividas intensamente, os novos saberes que proporcionaram debates e conhecimentos acadêmicos que se farão presentes em minha memória ao encontra- me em sala de aula e na escola onde me farei presente com toda equidade. No período destas e rotas e estações, tive tempo para muitas coisas, foram várias as amizades, e com elas aprendi verdadeiramente que a vida tem significado, quando fochos de luz incidem e interagem uns com os outros o brilho se faz intenso. E quanto mais se passa, o tempo encarrega do fortalecimento tanto do conhecimento quanto das relações e anseios.

Nas relações e nos encontros que se fizeram tanto na presença, na distância ou na ausência, alguns laços sociais e profissionais foram criados. No tempo das estações aprendi que fazendo é que se constitui o saber e que é praticando que se valoriza desde as leituras de mundo até a troca das palavras, às relações, com os outros e consigo mesmo.

Simultaneamente ao descrever sobre o memorial dentro do meu memorial é para enfatizar e descrever a importância deste na graduação. No qual faço uma

narrativa histórica reflexiva cujo alvo é contar fatos e episódios que constituíram minha trajetória vital, acadêmica, de modo que ao ler, o sujeito leitor possa compreender o itinerário percorrido até minha formação. Com tudo, fica claro que quando se trata deste instrumento de pesquisa é bem mais complacente ter uma melhor percepção qualitativa do significado da vida acadêmica, de formação e currículo que sem dúvida é o motivo a incorporá-lo como opção de trabalho de conclusão no curso de pedagogia.

A abertura e a flexibilidade no currículo de pedagogia vem nos dizer de forma implícita que o memorial de formação é então, um instrumento que em linhas gerais, traz parte das histórias de vida e do percurso de formação e experiências do discente, proporcionando assim, uma oportunidade única de relacionar suas vivências com as teorias vistas diretamente em suas dimensões e perspectivas mundanas, sempre trazendo informações do desenvolvimento humano do sujeito-autor- objeto em sua formação profissional, refletindo em sua atual prática ou futura, ainda que, opte por uma linearidade ou um texto livre. Assim sendo, referenciará o fato que, um memorial tem um forte peso e influência na formação conclusiva de um curso de graduação tanto no ingresso de um mestrado ou em concursos o peso e a importância são equivalentes, mesmo sendo momentos distintos, este é um instrumento de pesquisa que nos proporciona pontos significativos e qualitativos a serem discutidos, estudados futuramente por outros.

Muitos ainda desconhecem a importância e o valor deste na formação da graduação, e há muitos que desvalorizam sua implantação como instrumento de conclusão na graduação por acreditarem que o aluno não tenha bagagem suficiente. Então, ao estar estudando e pesquisando sobre este instrumento, questionava-me se alguns membros da academia menosprezam a importância deste na graduação, porque este faz se como parte do currículo de Pedagogia? De que vale incorporá-lo se não temos uma aceitação dentro da própria Universidade? Será que esta reflexão que o memorial nos proporciona para a vida do indivíduo que está passando de educando para ser educador não tem importância? Seus trajetos e estações vividas não dá um recorte para uma fonte de pesquisa para um estudo posterior? Estas são algumas das inquietações que me aguçam.

Depois de estudar um pouco e da construção em si deste memorial compreendo que o percurso pelo qual, cada um individualmente percorre e passa, pode implicar muito na sua prática, na sua metodologia, e nos seus objetivos principalmente, pois se nós, não pararmos para refletir sobre nós mesmo como poderemos enfrentar uma realidade escolar diversificada como é o universo educacional, a construção do memorial faz com que você faça uma avaliação qualitativa e minuciosa sobre o que é educar, o que é ser educador afinal para que possamos mudar o outro e fazer uma educação melhor do que nos fora ofertado precisamos pensar, refletir todas as teorias conhecidas selecioná-las e adaptá-las a nossa realidade. E isso reflete currículo, nossas estações percorridas marcadas por políticas curriculares das quais fizemos parte como coadjuvante.

Nossa concepção de professores de nível básico consiste em lançar muitos olhares sobre a realidade, reconhecendo e interpretando uma concepção que é basicamente o que o memorial nos proporciona, influenciando no pensamento que interferirá diretamente com a combinação de objetivos educacionais, mantendo e proporcionando o avanço pessoal do professor/educador que sempre estará alinhado ao aprofundamento de seus estudos, adquiridos ou não na sua caminhada pela Universidade, mantendo sempre um cuidado detalhado de selecionar/customizar/aplicar currículos que se adequem de maneira que seja competente nas lentas alterações sobre as políticas de formação dos sujeitos pensantes reflexivos em meio a uma sociedade contemporânea que em momento algum parará.

De maneira mais crítica, aprofundar o conhecimento, a respeito do memorial só me fará crescer profissionalmente e pessoalmente pelo simples fato de internalizar um conhecimento que fará de mim um cidadão melhor, para poder servir a minha sociedade. Assim, poderei transmitir estes conhecimentos através de um trabalho baseado em uma responsabilidade e uma segurança para um olhar minucioso, podendo assim, ousar sair de uma mesmice de anos e anos em que a educação se encontra imersa.

Na presente estação, a qual me encontro reorganizando as ideias, a concepção sobre a formação do educador, a qual encontra-se implicitamente na formação dos sujeitos, dos quais somos responsáveis diretos pela formação do

pensamento e da linguagem de maneira formal e lúdica para o desenvolvimento cognitivo, é perceptível que atualmente os currículos vêm perpassando pela cultura e adentrando os muros da escola estabelecendo e reforçando laços, e incidindo sobre novos fochos de luz, formando de tal modo uma união com a educação formal.

E daí a importância da reflexão do que é o currículo e de sua influência na formação qualitativamente e o seu significado para a vida e prática do educando e do educador.

Neste processo de rememorar pude perceber que as estações pelas quais passei durante os passos universitários, ficou marcado por grandes mudanças curriculares e eu ali vivendo e experienciando todos os ajustes curriculares, do que ia, ou não, dá certo, dentre estas mudanças esta o instrumento do qual utilizo para contar-lhes minha formação, e percepção de educadora que quero ser. Ao ir descrevendo cada etapa e cada lembrança ia me formando e instituindo um trabalho investigativo, então sobre minha ótica a mudança é visível e teve um salto qualitativo no curso, porque abriu vias diferentes para que cada um individualmente trilhasse, saindo um pouquinho do tradicionalismo. Pois com isso, fica claro o reconhecimento.

Evidente que a formação do sujeito pedagogo/professor foca a da educação básica perpassando além de atividades de sala de aula, a concepção de mundo, e esta subjetividade é uma constituição e um posicionamento para um caráter identitário pedagógico do pedagogo e sua formação, que põem em cena sua principal atuação de sujeito educador e seus saberes profissionais.

Pelas rotas e estações onde andei, tive breves passagens, mas muitas foram às flores que colhi para meu baú memorável de conhecimento, e cada um em seu instante se fizeram eternos em minha formação. Tenho consciência da importância, pois tive o prazer de conhecer e das quais terei o imenso prazer de colocá-los em evidência em meu contexto de educadora atuante. Foram meios que me formou sujeito pesquisador, pensante e reflexivo de minhas práticas e ações para com a contemporaneidade e para o mundo encantado da leitura e do fazer pedagógico, sempre busca meios para que os saberes se construam, estes constituíram um diálogo interacional com a formação, a teoria e a prática no contexto que me

encontrava pesquisadora, e concordo plenamente quando FREIRE (1996, p14), diz que "Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino".

Para o Eu professora/educadora, tomarei como partido a importância da leitura, comparando com um fecho de luz que incide seu foco em um sujeito leitor para dá abertura para uma reflexão, que contemple de tal maneira alguém que por ventura se interesse a conhecer e percorrer minhas rotas enquanto leitora. Mas não digo de qualquer leitura, mas a de mundo, que como dizia Freire, precede a da palavra. Esta leitura de mundo reflete o cognitivo e busca uma leitura de descobertas de um novo, mundo cheio de rupturas e rotas que leve a diversos rumos.

A leitura é uma linguagem e como toda linguagem, possui uma enxurrada de comunicação que de diferentes formas vem se expressar através de gestos, expressões corporais de maneira lúdica, que traz consigo emoções, sentimentos, onde o corpo e a mente encontram-se associados e harmonizados, e esta junção, faz com que tenhamos sujeitos críticos e atuantes em um mundo melhor. Enfim, nosso corpo fala e é evidente que precisa ser lido nas entrelinhas suas expressões e não expressões. Isso evidencia uma leitura sensível, mas não temos o hábito de exercita-la, não somos formados para esta leitura tão frequente e evidente na infância, onde o sujeito desde pequeno deveria entender estas linguagens tão praticadas por eles e tão policiadas pelos educadores e pais por desconhecerem sua real significação, se esta fosse praticada futuramente estes seriam adultos e profissionais mais cultos, dinâmico, perspicaz e com uma sensibilidade para as leituras de mundo e porque não das palavras.

Todos trazem consigo experiências de vida mesmo que mínimas estas ajudam a compor esta leitura e mesmo às crianças por mais pequeninas que sejam tem uma imaginação sem tamanho, então a ludicidade toma conta dessa estação tão florida, e traz consigo um universo mágico onde aprender é simplesmente grandioso que submerge toda fantasia e imaginação como em contos de fadas para constituição e idealização de signos, podendo manter uma percepção do significado que gera diversão ao ler e ouvir histórias. Pois, ao realizar uma determinada leitura de algo descobrimos um mundo novo, repleto de sonhos, realidades e fantasia, assim, o hábito de ler com... ou para... deve ser estimulado desde a infância, lá no maternal, para que o sujeito apreenda desde os primeiros passos que ler é algo

importante e prazeroso, assim ele provavelmente será um adulto culto, dinâmico e perspicaz capaz de refletir e ter opiniões únicas capazes de transformar seu mundo e o de outros.

Durante a reflexão de minhas estações enquanto leitora encontrei uma imagem onde as letras abraçam de forma simbólica uma moça, esta imagem a qual descrevi, me encantou e me remeteu uma releitura sobre o espaço e o tempo da leitura, em que muitas vezes nos encontramos abraçada pelas letras e em outros que abraçamos as mesmas com um gosto e uma paixão indescritível, e me sinto assim muitas vezes, em que encontro textos, livros e principalmente os de literatura infanto-juvenil.

No momento em que discorria sobre leitura eu ia entendendo e decifrando as rotas e as rupturas que influenciaram positivamente e negativamente. Esta leitura de base poderia ter me proporcionado um mundo diferente do que hoje eu tenho, mas entendi também que, nem sempre as crianças hoje tem a leitura que tive, que me trouxe a este mundo em que hoje me encontro, mas, o fato é que não importa onde e como este ato de ler nos faz compreender nosso lugar no mundo.

Hoje olhando para os passos tritilhados, entendo que a leitura não pode ser tratada como uma atividade simples ou como um ato mecânico, ela é uma atividade social que envolve participação do outro, no empenho de retomar a compreensão do meu ato de ler que me move e me faz querer mudar não só minha história enquanto leitora, mas a daqueles que em minha vida passa demonstrando-os que o simples ato de ler pode mudar o curso de uma vida inteira.

É como uma imensa satisfação que digo a vocês que as estações de troca de saberes de conhecimento, de interação, mediação e aprendizado ficarão armazenadas em meu baú. E que sempre que abrí-lo para rememorar os conhecimentos em qualquer lugar que me encontre, sementearei as sementinhas colhidas da minha árvore da sabedoria, e hei de contar e semeá-las a muitos que em minhas rotas e estações passarem, seja estes amigos, alunos, parentes e filhos sem dúvidas serão pontos de reflexão do meu fazer pedagógico, enquanto aprendente a educadora /professora.

Penso que a partir de agora me sinto mais completa, mais inteira. Minhas lutas, as horas debruçadas nos livros, às ansiedades antes e depois da realização de cada

seminário, de cada exame, hoje são lembranças agradáveis e ainda quentes na memória.

Dentro em breve estarei com um diploma na mão, renovando meus ideais, concretizando novos sonhos que os anos de Universidade amadureceram.

Quando eu me puser frente à banca, em breve apresentação, coração batendo mais forte, tremor generalizado invadindo o meu corpo, a plateia aplaudindo minha conquista, talvez o nervosismo me domine e eu não sinta a maravilhosa magia do momento sublime do qual conquistei.

Mas um dia, quando a saudade me fizer reportar as páginas deste memorial e recordar, tudo será revivido como se estivesse novamente acontecendo.

E irei- me sentir mais completa, mas inteira, como hoje.

E minha vida estudantil será mais uma página virada no cenário desse sonho, que hoje é uma grata e presente realidade.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMORIM, Ivonete Barreto de; SANTOS, Geisa Arlete de Carmo; VIRGÍLIO, Janete Maciel. **O memorial da formação do pedagogo: narrativas de um processo dialógico.** Disponível em: [http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2012\\_2/8\\_MEMORIAL\\_FORMACAO\\_PE\\_DAGOGO\\_Geisa\\_105\\_118.pdf](http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2012_2/8_MEMORIAL_FORMACAO_PE_DAGOGO_Geisa_105_118.pdf). Acesso: em 09/03/13, às 20: 13hs.

ARROYO, M. G. **Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola.** In: MOREIRA, A. F. B.(Org.). **Currículo: políticas e práticas.** 10 ed. Campinas (SP): Papirus, 2008. p. 131-163.

\_\_\_\_\_; Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove poemas desengonçados.** São Paulo: Ática, 1999.

BENJAMIN, W. **O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed, São Paulo: Brasiliense, 1994, (Obras escolhidas; v. 1).

BONILLA, Maria Helena. **A práxis pedagógica presente e futuro e os conceitos de verdade e realidade frente às crises do conhecimento científico no século XX.** in: PRETTO, Nelson de Luca. **Tecnologia e Novas Comunicações.** Salvador: EDUFBA, 2005. p. 70-81

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática.** 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na Escola.** São Paulo: Globo, 2007.

FERREIRO. **Teorias da Aprendizagem** In RODRIGUES, Almir Sandro; SILVA, Ana Tereza Reis da; PARIZ, Josiane Domingas Bertoja e TRICHES, Natalina. **Aulas elaboradas.** 2002.

FREIRE, Paulo, 1921- **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam /. - 34. ed – São Paulo : Cortez,1997. – (coleção questões da nossa época; v.13).

\_\_\_\_\_, P. **Educação nas Cidades.** Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

JOSSO, Marie- Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez,2004.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador.** São Paulo: Ática, 2005

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro. Ed. 1999. Tradutor: COSTA, Carlos Irineu.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. - Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

MAURICE, Tardif. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MIRANDA, G.; SALGADO, M. 2002 Projeto Pedagógico. **Veredas Formação Superior de Professores**. Belo Horizonte, SEE – MG.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e as histórias de suas vidas**. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Vidas de professores**. Porto-Portugal: Porto Editora, 1992.

\_\_\_\_\_, Antonio (Org). **Os Professores e As Histórias da Sua Vida**. Tradução Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. --- Portugal: Porto , 2007.

PACHECO, Jose Augusto. **Estudos curriculares para a compreensão crítica da educação**. Portugal: Porto, 2005.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento Humano**. São Paulo. McGraw-Hill, 2009.

SANCHES Neto, Miguel. **Herdando uma Biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed, São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, T. T. da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade**. Perspectiva, Florianópolis, v28, nº 2, p. 601- 624, jul./dez. 2010. Disponível em: [http://www.pucminas.br/imagedb/mestrado\\_doutorado/publicacoes/PUA\\_ARQ\\_ARQ\\_UI20121016140628.pdf](http://www.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQ_UI20121016140628.pdf) . Acessado: em 09/03/2013, 20:50hs.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Trad. Beatriz Affonso Neves – 3 ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas sul Ltda, 1999.

SOARES, Magda. **Metamemória – Memórias.travessuras de uma educadora**. São Paulo: Cortez, Ano.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. trad. Ana Maria Neto Machado – Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ed. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. **A literatura infantil e o leitor.** In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia C. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 87.